

**A LITERATURA E SUAS  
CONTRIBUIÇÕES PARA  
A REFLEXÃO SOBRE AS  
RELIGIÕES NEOPETENCOSTAIS  
E SEUS IMPACTOS NA CULTURA  
NIGERIANA REPRESENTADOS  
NA OBRA AMERICANAH, DE  
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

*LITERATURE AND ITS CONTRIBUTIONS  
TO THE REFLECTION ON NEOPETENTAL  
RELIGIONS AND THEIR IMPACTS ON  
NIGERIAN CULTURE REPRESENTED  
IN THE WORK AMERICANAH BY  
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE*

**Egly Sterfane da Silva Borges 1**  
**Cristiane de Sena Camões 2**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo abordar as consequências da presença das igrejas neopentecostais no país da Nigéria a partir da leitura da obra *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Buscaremos entender como este seguimento religioso influenciou a vida dos nigerianos, mas também como contribuiu para o silenciamento das suas tradições culturais, étnico-religiosas. Faz parte desta pesquisa entender a história da Nigéria para buscar na obra evidências que confirmem nossa análise que parte da intrínseca relação da colonização europeia com o surgimento do neopentecostalismo. A partir daí, procuramos refletir a importância da literatura no processo de formação e desconstrução de práticas que alijam além da religião as classes sociais, de raças e gêneros.

**Palavras-chave:** Literatura. Nigéria. Religiões. Neopentecostais.

**Abstract:** This article aims to address the consequences of the presence of neo-Pentecostal churches in the country of Nigeria, from the reading of the work *Americanah* by Chimamanda Ngozi Adichie. We will look to understand how this religious segment influenced the Nigerians lives, but also how it contributed to silencing their cultural, ethnic-religious traditions. It is part of this research to understand the history of Nigeria in order to search pieces of evidence in this literary work to confirm our analysis that starts from the intrinsic link of European colonization with the emergence of neo-Pentecostalism. Thereafter, we will seek to reflect on the importance of literature in the process of forming and deconstructing practices that exclude beyond the religion, social classes, races, and genders.

**Keywords:** Literature. Nigeria. Religions. Neopentecostals.

Licenciada em Letras. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em **1**  
Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7495426084444920>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5958-8767>.  
E-mail: [egly@mail.uft.edu.br](mailto:egly@mail.uft.edu.br)

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras pela **2**  
Universidade Federal do Tocantins (UFT).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0190832568680170>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0436-6419>.  
E-mail: [advocaciacaoes@gmail.com](mailto:advocaciacaoes@gmail.com)

## Introdução

Ao pensar em literatura é sempre auspiciosa a tentativa de defini-la, uma vez que há várias concepções acerca do tema. Na educação básica, pelo menos na maioria das vezes, entende-se por literatura o estudo do pensamento do homem, de acordo um período histórico, não que isso esteja fora da literatura, porém pensar no estudo literário apenas como mais um registro histórico é suprimir a riqueza da estilística, da arte e até mesmo o poder da reflexão acerca do pensamento humano que a literatura contempla.

Segundo Antonio Candido (2011, p. 176), a literatura é toda criação poética, dramática, ficcional produzida em qualquer nível social ou em qualquer cultura, abrangendo as linguagens mais simples até as mais complexas. Nesse sentido, a literatura incorpora outras funções, incluindo a de humanização:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

Nessa perspectiva formadora de um pensamento reflexivo no leitor acerca do mundo em que vive, faz-se necessário compreender o papel de quem escreve literatura, tema abordado pelo filósofo Sartre (1989) que vê no escritor um sujeito carregado de coisas a dizer. Aquele que precisa perceber seus processos de construções sociais a fim de que esteja atento aos diversos esquemas que excluí e reproduz práticas que elitizam e subalternizam classes sociais, raças, gêneros e religiões:

Quando fala, ele atira. Pode calar-se, mas uma vez que decidiu atirar é preciso que o faça como um homem, visando o alvo, e não como uma criança, ao acaso, fechando os olhos, só pelo prazer de ouvir tiros. Tentaremos mais adiante, determinar qual seria o objetivo da literatura. Mas desde já podemos concluir que o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade (SARTRE, 1989, p. 21).

Deste modo, não é possível conceber literatura sem significar as necessidades universais da vida, pois desde as produções orais até as mais elaboradas obras expressam a urgência do ser humano em compreender-se no mundo e consigo mesmo. O estudo literário permite aproximar tempos, refletir a história, emocionar-se, e dar existência à sujeitos excluídos.

O contato com as obras literárias não leva ao leitor apenas uma ilustração de fatos, sejam históricos ou não, mas também uma reflexão sobre o enredamento de ideologias presentes no contexto literário, provocando-o a interagir, questionar, pesquisar e até mesmo se posicionar diante tudo isso. Partindo das experiências do leitor, vividas por ele ou apenas testemunhadas, o texto literário promove uma nova maneira de perceber o mundo sendo um instrumento importante nessa reflexão sobre os fatos reais através dos ficcionais e potencializando este sujeito para transformações sociais significativas para todas as pessoas de uma comunidade.

Quando encontramos obras como a de Chimamanda Adichie (1977) é possível pensar

em tantas outras existências que não foram ouvidas e da universalidade de mundos que cada sujeito carrega, incluindo sua religiosidade. Escrever é um ato extremamente político, não por tentar convencer, mas para mediar a vida de homens e mulheres nas suas pluralidades. A partir dessa função sociocultural, podemos vincular a literatura aos impactos que as religiões de matrizes africanas sofreram com os diversos tipos de colonização, aproximando o texto literário, que é uma manifestação artística, às experiências reais da vida para promover diálogos e conexões que ainda não foram pensadas ou viabilizadas.

No romance, *Americanah* (2014), de Chimamanda Adichie notaremos através da mãe de Ifemelu, protagonista da obra, as consequências e os impactos do Cristianismo imposto através de promessas de prosperidade, uma vez que sua família pertence a população pobre de Lagos, na Nigéria. Para entender melhor essa colonização religiosa, faremos uma análise da mãe de Ifemelu, seus comportamentos, suas visões e as consequências que as mudanças de religião e denominações cristãs afetaram a vida dessa família de raízes tradicionais. Percorreremos um pouco sobre a história de formação do país e do seu processo de colonização para entender as vulnerabilidades sociais que permeiam e consente as famílias nativas à adesão de novos cultos.

Dessa forma, a literatura é também emancipadora, buscando refletir sobre as experiências íntimas e ao mesmo tempo, social, contribuindo para estimular a transformação do pensamento dos sujeitos que por sua vez transforma o lugar que ocupa permitindo que a história tenha outros autores, de outras raças, gêneros e religiões.

### Alguns dados históricos da Nigéria.

A Nigéria é um país do continente africano, localizado na África Ocidental com uma área de 923.768 km<sup>2</sup>. É um dos países mais populosos do mundo com centenas de grupos étnicos, entre eles os Hausa e os Fulani, de religião predominantemente muçumana; os Yorubas divididos entre a religião muçumana e cristã; e os Igbos predominantemente cristãos:

A Nigéria possui uma população de 140 milhões de habitantes (densidade de 159 hab/km<sup>2</sup>) e é o oitavo país mais populoso do mundo. Em seu território existem aproximadamente 250 grupos étnicos, mas a maior parte destes pertence a quatro grandes grupos: os Hausa e os Fulani, que predominam no norte, são majoritariamente muçulmanos, e com 5 põem aproximadamente 29% da população do país; os Yorubas, no sudoeste, que seguem a religião tradicional Yoruba, mas também tem populações cristãs e muçulmanas, e compõem 21% da população do país; e os Igbos, no sudeste, predominantemente cristãos, representando 18% da população da Nigéria (VISENTINI, 2011, p.4-5).

O país foi colonizado pela Inglaterra. Os britânicos chegaram pelo litoral, dominando-o totalmente no final do século XIX. Assim como no Brasil, a história da colonização da Nigéria baseava-se na exploração das riquezas naturais, até que em 1960 o Congresso do Povo do Norte (CPN) consegue a independência, liderados pelo grupo Hausa; apoiados pelo Conselho Nacional de Cidadãos Nigerianos (CNCN), liderados pelos Igbo; e pelo Grupo de Ação (GA), partido progressista do grupo Yoruba, rompendo assim, definitivamente com a Inglaterra em 1963 e proclamando-se República no mesmo ano:

Com a independência, em 1960, sobe ao poder o Northern People's Congress (NPC), o Congresso do Povo do Norte (Hausa), em coalizão com o National Council of Nigerian Citizens (NCNC), o Conselho Nacional de Cidadãos Nigerianos, de alinhamento Igbo. Além disso, havia um partido progressista Yoruba, o Action Group (AG), Grupo Ação, que domina a região sudoeste. Em 1963, rompe-se definitivamente com a

influência britânica, e a Nigéria proclama-se uma república (VISENTINI, 2011, p. 6).

A história de independência da Nigéria apresenta vários conflitos entre os grupos étnico – regionais. O país sofreu vários golpes militares e guerras o que agravou ainda mais a pobreza e a violência. Apesar de ser uma grande potência na produção de petróleo, a Nigéria continua, ainda nos dias atuais, a passar por grandes vulnerabilidades decorrentes da corrupção, dos conflitos étnicos religiosos e da falta de políticas sociais que não atende a população em suas necessidades básicas:

A fragilidade do Estado nigeriano está relacionada ao passado colonial e à sua história de confrontos regionais e étnico-religiosos, com a pobreza da população, a má governação, a corrupção das elites, a degradação ambiental, o subdesenvolvimento das infraestruturas, a criminalidade e a instabilidade política, entre outros (Aljazeera, 2015). Essa situação tem criado grupos de cidadãos descontentes que procuram alternativas ao Estado, aderindo ao grupo Boko Haram (CIERCO; BELO, 2016, p. 124).

A ausência de uma liderança no Estado contribuiu para que os conflitos religiosos se agravassem, uma vez que cada grupo de liderança tem uma religião predominante. Segundo Silva (2016) as crenças são as fragilidades pelo sofrimento que o ser humano é submetido e procurando uma resposta ou até mesmo um conforto encontram nas divindades a esperança de um tempo melhor:

A ausência de explicações que possibilitem o entendimento de sua origem e a angústia frente à sensação de finitude, somadas à observação de uma realidade muitas vezes percebida como problemática e contraditória, levaram o homem, ao longo dos tempos, a erguer altares para as divindades que, segundo Freud (1997, p.40), lhe ajudam a explicar o que ele não consegue descobrir por si mesmo e, por isso, reivindicam a sua crença. As inquietações apontadas Freud, bem como a antecedência do divino em relação às divindades, postulada por Paz, oferecem-nos caminhos para a compreensão da pluralidade que perpassa as representações de Deus, ou dos deuses “no caso das religiões politeístas”, no interior das mais diversas comunidades religiosas (SILVA, 2016, p. 222).

O norte da Nigéria é liderado pelo grupo religioso islâmico Boko Haram. Muitos dos problemas atuais são gerados por parte desse grupo que já chegou à capital do país que fica no Sul, onde as religiões são mais diversificadas, desde as nativas até as diversas denominações cristãs:

O grupo rejeita a educação e a cultura ocidental e também a ciência moderna, defendendo, em alternativa, a difusão e a adesão ao Islão, procurando impor a lei da Sharia em todos os estados nigerianos (Bumah e Adelakun, 2009, p. 40). A partir de 2009, o Boko Haram começa a envolver-se em conflitos violentos, protestando contra a pobreza, as desigualdades na educação, o desemprego crescente e a

corrupção governamental (Ale, 2009, p. 8). Nesse mesmo ano, a morte do líder marca um ponto de viragem na atuação do grupo e força-o à clandestinidade. O Boko Haram surgiu mais violento e determinado à procura de vingança contra o Estado nigeriano pela execução do seu líder. Sob a liderança do imam Abubakar Shekau, os militantes levam a efeito deste, então, operações violentas contra alvos governamentais e religiosos, sobretudo no Norte do país (CIERCO; BELO, 2016, p. 131).

Há registros que constam que o protestantismo no Brasil chegou com os ingleses no mesmo período, século XIX, em que a Inglaterra dominava a Nigéria. “[...] as primeiras tentativas de implantação do protestantismo no Brasil, até o século XIX, estavam atreladas às missões militares de ocupação das terras brasileiras [...]” (ALMEIDA; GOMES, 2016, p. 100). Esse processo de implantação do protestantismo foi também totalmente político, uma vez que, a Igreja Católica e o Império Português constituíam uma mesma instituição de poder.

Dessa forma, a partir do processo histórico da colonização nigeriana é possível considerar que as religiões neopentecostais foram e são motivadas por ideais políticos e econômicos. Segundo a matéria do Jornal DW (2018) metade da população da Nigéria é mulçumana e a outra metade é cristã de variadas denominações. O país possui cerca de 40 milhões de fiéis neopentecostais dos quais são dirigidos por pastores milionários que se aproveitam das necessidades da população para enriquecer-se.

David Oyedepo, que se auto-intitula bispo, sabe o que é que faz mais falta à população da Nigéria: estabilidade e empregos. Já o património do pastor está avaliado em 128 milhões de euros. Muitos dos seus seguidores querem ser como ele. E isto “é perigoso”, diz Francis Falako, professor de Estudos Religiosos na Universidade de Lagos. “Tudo gira em torno do pastor e a tendência é focarem-se no pastor e não em Deus. O estilo de vida do pastor e não de Cristo torna-se o objetivo”, explica (JORNAL DW, 2018).

A religião e a independência dos países colonizados sempre estiveram atreladas. A violência da imposição de crenças aos colonizados é também uma forma de dominação. Há sempre uma perda de identidade o que faz o sujeito nativo questionar seu pertencimento ao local de origem.

## **A religiosidade na obra *Americanah*, Chimamanda Ngozi Adichei**

Chimamanda Ngozi Adichei é uma escritora nigeriana, seu pai era professor acadêmico e sua mãe trabalhava no administrativo da universidade de Nsukka. Assim, Chimamanda cresceu em um meio universitário. Aos dezenove anos foi para os Estados Unidos estudar comunicação e ciência política, fez mestrado em escrita criativa na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore.

Suas obras no Brasil são publicadas pela Companhia das Letras que também publicou *Americanah*, em 2014. O romance mencionado trata da história da protagonista Ifemelu e Obinze que se inicia na cidade de Lagos na década de 1990. Nesse período a Nigéria enfrenta um regime militar e as universidades do país estão frequentemente em greves, assim os estudantes precisam buscar outros países para concluir seus estudos. Ifemelu e Obinze se conheceram ainda na adolescência, apaixonam-se e vão viver esse amor juvenil, no entanto chega o tempo de continuar seus estudos na universidade e por conta da crise do país, Ifemelu vai para os Estados Unidos enquanto Obinze fica na Nigéria, e, posteriormente, vai para a Inglaterra.

O romance inicia-se com Ifemelu se organizando para voltar ao seu país depois de treze anos na América mesmo tendo uma carreira consolidada e um famoso *blog* em que reflete

sobre como é ser um africano nos Estados Unidos. Enquanto está em um salão arrumando os cabelos, vai fazendo lembranças desde a adolescência até os dias atuais em que se encontra e são nesses espaços que vamos conhecendo um pouco da realidade religiosa de sua família dentro do romance. A mãe de Ifemelu não é nomeada durante a narrativa e sua primeira descrição física começa exatamente pelos cabelos, pois relaxava-os despertando na protagonista o desejo de ter os mesmos cabelos que a mãe:

Ifemelu tinha crescido à sombra do cabelo de sua mãe. Era preto retinto, tão grosso que sugava dois frascos de relaxante no salão... Durante toda a infância, Ifemelu muitas vezes olhava no espelho e puxava seu cabelo, esticava os cachinhos, desejando que ficasse como o da mãe” (ADICHIE, 2014, p. 47).

Um dia, a mãe de Ifemelu que tanto apreço tinha pelo cabelo chega em casa e o corta, ateando fogo depois, justificou que havia sido salva, recebeu a palavra e as coisas velhas havia se tornado novas. “Eu fui salva, disse. A sra. Ojo pregou para mim esta tarde durante o recreio das crianças e eu recebi Cristo.” (ADICHIE, 2014, p. 48). A partir desse momento a mãe de Ifemelu se transforma numa nova pessoa, mais rígida e irreconhecível dentro da sua própria casa. Antes, professava uma outra fé cristã, no entanto havia mais sutileza na religiosidade que confortava a família na adesão de uma fé importada:

Antes disso, a mãe rezava o terço de vez em quando, fazia o sinal da cruz antes de comer, usava imagens bonitas de santos no pescoço, cantava músicas em latim e ria quando pai de Ifemelu caçoava de sua pronúncia horrível. Ela também ria sempre que ele dizia: “Sou um agnóstico que respeita a religião”, e afirmava ter sorte de ter se casado com ela, pois, embora fosse à igreja só quando havia velório ou casamento, ele entraria no céu nas asas de sua fé (ADICHIE, 2014, p. 48).

As igrejas pentecostais crescem muito no mundo, principalmente nos setores mais pobres dos países, as vulnerabilidades de um determinado grupo de margem proporcionam o crescimento e as ramificações destas instituições que oferecem prosperidade, abundância e riqueza. A procura de uma vida mais próspera para a família fez com que a mãe de Ifemelu se convertesse, a primeira vez, do catolicismo para uma igreja pentecostal onde oferecia sacrifícios e submetia-se a várias restrições em troca dos favores de Deus. “Ela barganha com Deus, oferecendo a fome em troca da prosperidade, de uma promoção, de boa saúde” (ADICHIE, 2014, p. 48).

Nas religiões de matrizes africanas, também é comum ofertar para obter um benefício das divindades e, provavelmente por esse motivo a mãe de Ifemelu não estranhou o sistema. Os sentimentos e desejos humanos são atribuídos ao divino acarretando uma obrigação de agradá-lo como um ato de gratidão por permanecer e favorecer um determinado grupo:

A religião dos iorubás torna-se gradualmente homogênea, e sua atual uniformidade é o resultado de uma longa evolução e da confluência de muitas correntes provindas de muitas fontes. Seu sistema religioso se baseia na concepção de que cada ser humano é um representante do deus ancestral. A descendência é através da linha masculina. Todos os membros da mesma família são a posteridade do mesmo deus. Assim que eles morrem, retornam a esta divindade e cada criança recém-nascida representa o novo nascimento de um membro falecido da mesma família (VERGER, 1966, p. 21-22).

No entanto, as religiões de matrizes africanas diferem em outros aspectos das demais religiões, pois de modo geral, são transmitidas pela oralidade que por sua vez tem um papel similar com o da literatura. É através das narrações orais que se inicia a humanização das crianças no meio familiar. O espaço da oralidade é, nesse contexto, cheio de afetos e simbologias, e por esta razão torna-se extensão do sujeito socializado no continente africano.

Desfazer-se das diversas religiões existentes no continente é também abrir mão de uma identidade, e é exatamente nesse ponto que a literatura vem auxiliar na reflexão desses problemas, pois busca, através dos contextos culturais, revelar as fragilidades de um grupo social específico colaborando no desenvolvimento do pensamento reflexivo e autêntico sobre suas atuais condições:

A oralidade, pode-se dizer, é a condição sine qua non para as sociedades africanas, tem seus griots tradicionalista, não únicos, mas principais guardiões e transmissores. Não podemos falar em tradição africana, sem considerarmos é ser ânsia de conhecimentos (MONTE, 2012, p.4).

A influência da religião e o desejo pela riqueza fará, durante toda a narrativa, com que a mãe de Ifemelu mude de igrejas frequentemente. “Dessa vez o anjo aparece em seu quarto, em cima do guarda-roupa, e disse-lhe que deixasse a Fonte de Milagres e fosse para a Assembleia dos Guias” (ADICHIE, 2014, p. 49).

O pai de Ifemelu, também não tem um nome no romance. É um homem que representa o colonizado, aquele do qual foi negado as condições para ascender no país, mesmo em condições conflituosas. Gomes (2012) traz uma reflexão do pensamento de Derrida sobre a condição que vem ao receber um nome. “E ao receber o sobrenome de meu pai recebo um “status natal” que não me pertence, nome falso, nome impróprio, promessa da morte. Derrida chamará de *luto pressentido*” (GOMES, 2012, p. 12). Não receber um nome é não ter herança histórica, não ter pertencimento, ou seja, é uma vida deslocada, o que é consequência da colonização:

O pai de Ifemelu representa o nigeriano educado ainda no sistema dos colonizadores, pouco antes da independência, um sistema que priorizou o ensino do cristianismo, da língua inglesa, da história e dos valores britânicos, ignorando as culturas africanas (BRAGA, 2019, p. 49).

Quando o pai de Ifemelu perde o emprego na agência federal, as coisas na casa da família começaram a complicar, a mãe atribui a culpa a satanás, a falta de dinheiro afeta o relacionamento entre marido e mulher, mas também a saúde psicológica daquele homem que não tinha mais em que trabalhar, e se antes declarara agnóstico, agora começava a participar das orações matinais.

Os discursos de todas essas igrejas neopentecostais das quais a mãe de Ifemelu passou eram todos de muita abundância e riqueza. Expressões de que Deus é fiel, que não é um Deus pobre, que o destino dos fieis era prosperar convencia a mãe da menina a continuar com todas as restrições que as novas conversões impunham, no entanto, Ifemelu sabia que não era Deus quem dera a casa e o carro aos pastores, mas o dinheiro das coletas. A conversão da mãe de Ifemelu acarretou também mudanças na aparência permitindo um controle maior sobre seus corpos.

Ifemelu, por ser uma adolescente participava de um grupo para meninas na Igreja que a mãe participava, este grupo era dirigido por uma irmã que ajudava as mães na educação de suas filhas. Certa vez, quando estavam fazendo uma coroa para uma determinada celebração em que o pastor a receberia, a menina chateada disparou:

“Por que eu deveria fazer enfeites para um ladrão? “ Irmã Ibinabo arregalou os olhos, atônita. Fez-se um silêncio. As

outras meninas ficaram observando, expectantes.

“O que você disse?”, perguntou irmã Ibinabo baixinho, dando a Ifemelu uma chance de pedir desculpas, de botar as palavras de novo na boca. Mas, Ifemelu se sentiu incapaz de parar, com o coração aos pulos, precipitando-se por um caminho acelerado. “O chefe Omenka é um estelionatário e todo mundo sabe disso”, disse ela. “Esta igreja está cheia de estelionatários. Por que a gente tem que fingir que este prédio não foi construído com dinheiro sujo?” “Este trabalho é de Deus” disse irmã Ibinabo baixinho. “Se não pode fazer o trabalho de Deus, é melhor ir embora. Vá” (ADICHIE, 2014, p. 57).

O comportamento de Ifemelu foi ativado exatamente quando a irmã Ibinabo falara com outra menina recriminando o uso de calças justas e usando de um tom de desprezo afirmando uma orientação religiosa. A protagonista do romance *Americanah*, reconhece na irmã da igreja, atitudes de sua mãe que antes da conversão era uma pessoa mais doce, daí rejeita tudo que está imposto naquele discurso moralista. A partir do momento em que revela ter conhecimento da falsa moral que a Igreja prega, irmã Ibinabo pede para Ifemelu retirar-se da sala. Segundo Foucault (1996) uma das interdições nos discursos é exatamente saber que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância.

Outro fator curioso no romance é o da tia Uju. Prima de seu pai e tratada como uma irmã mais nova tem uma amizade muito grande durante a narrativa com Ifemelu, recém-graduada em medicina envolve-se com um general em Lagos tornando-se sua amante, ganhava muitos presentes, dos quais a esposa de seu primo atribuía ser milagre de Deus:

“Por que a mamãe não pode gostar das coisas que você ganha do General sem fingir que elas vêm de Deus?” “Que disse que elas não vêm de Deus?”, perguntou tia Uju, puxando os lábios para baixo e fazendo uma careta. Ifemelu riu (ADICHIE, 2014, p. 60).

Ao pensar nas questões religiosas dentro do romance, é preciso se atentar também para as questões da decoloniais, pois *Americanah* propõe reflexões de diversos temas, porém todos ligados pela história colonial. Há uma quebra na construção da identidade religiosa dos nigerianos muito bem representados pelas as personagens do romance. Ao afirmar ser de um determinado grupo religioso, a mãe de Ifemelu naturalmente nega o pertencimento a qualquer outro e os motivos não são, exclusivamente, individuais:

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas (HALL, 2006, p. 13).

A autora Adichie traz em suas obras a descrição desse desmonte das religiões africanas



que neste contexto não está diretamente ligada a uma herança colonial, mas do desejo de tornar-se ou ter àquilo que a miséria, resultado das guerras e das lutas de poder, retirou do povo, incluindo a dignidade de um lar. “Ifemelu abriu a porta e viu o proprietário do apartamento deles ali [...] “Já se passaram três meses! Ainda estou esperando meu dinheiro!”. A voz dele era conhecida [...]” (ADICHIE, 2014, p. 55). Como pode ser percebido ao perder o emprego, o pai de Ifemelu fica impossibilitado de pagar o aluguel e sem ter a quem recorrer, resta-lhes a esperança do milagre próspero.

### Considerações Finais

A abordagem das religiões neopentecostais em *Americanah*, expressa uma colonização ainda existente, pois há um esvaziamento da cultura nigeriana da qual as religiões são parte. A música, a dança, as vestes, o culto vão para além da religião, pois também são manifestações culturais de uma gente que continua excluída através de construções que idealiza o humano sob uma ótica eurocêntrica.

Chimamanda Ngozi Adichie provoca a reflexão sobre a estrutura religiosa, mas também cultural de seu país. A partir da mãe da protagonista é possível identificar os traços de uma religião, que embora não foi imposta pela colonização, sobrepõe-se sobre as religiões tradicionais evidenciando a marginalização de uma cultura depreciada ao longo do tempo, mesmo após a independência da Nigéria em relação a Inglaterra.

Por esta razão, discutir os impactos das religiões pentecostais presente na obra *Americanah* é também refletir sobre a importância de todas as religiões de matrizes africanas permitindo que haja espaço para reaver a cultura deposta decorrente da colonização. Assim, a literatura vem contribuir para estas desconstruções de pensamentos que subalternizam determinados grupos: étnicos, raciais, de gênero e religiosos, da mesma forma que elitizam outros, buscando debater políticas que não mais permitam a negação de espaços na sociedade para tais grupos.

Geralmente, há uma série de esquemas que omitem aos grupos subalternizados representações, de forma que haja um silenciamento deixando prevalecer a falsa ideia de que são incapazes. Na obra de Chimamanda Adichie percebe-se que as igrejas pentecostais recriminam os cabelos, as roupas afirmando uma orientação religiosa, logo desqualifica tudo que está fora do que padronizaram.

Assim, as religiões de matrizes africanas só poderão ter seu lugar de fala assegurado se puderem ser expressadas em suas diversas línguas, vestes, cultos sem precisar apoderar-se de outros mecanismos como fizera outrora do sincretismo:

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência (RIBEIRO, 2019, p. 64).

A literatura é também um lugar de fala, pois ajuda a quebra dos silêncios institucionais que incorpora a naturalização da extinção de grupos subalternos. Nesse sentido, pode-se entender que a obra de Chimamanda Ngozi Adichie, *Americanah*, é um instrumento importante para a preservação dos direitos das religiões africanas, cujo o poder colonizador busca manter excluída e oprimida.

### Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia

das Letras, 2014.

ALMEIDA, Vasni de; GOMES, José Neto Sousa. Daniel Parish Kidder: sociedade, identidade e cultura nas narrativas de um protestante viajante no século XIX. **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, vol. 7, nº 2, p. 94 -120, 2016. Disponível em: [https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1165/pdf\\_174](https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1165/pdf_174). Acesso em: 20 ago. 2020.

BRAGA, Claudio R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós - colonialidade, des-colonização cultural e diáspora**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 4a edição, Ouro Azul, Rio de Janeiro, 2011, pp. 171-193.

CIERCO, Teresa; BELO, Antônio. Será a Nigéria um Estado falhado? O grupo Boko Haram. **Revista Brasileira de Ciência Política**, no 21. Brasília, setembro - dezembro de 2016, pp 121-146.

FACSAR, Fanny. **O negócio lucrativo das “mega-igrejas” pentecostais da Nigéria**, DW.COM, Lagos, 20 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/o-neg%C3%B3cio-lucrativo-das-mega-igrejas-pentecostais-da-nig%C3%A9ria/a-45582330>. Acesso em: 31 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3ª edição: Edições Loyola. São Paulo, 1996

GOMES, Daniel de Oliveira. **Sobre a consideração foucaultiana de nome próprio**. Uniletras, Ponta Grossa, v. 34, n. 1, p. 11-24, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/4649>. Acesso em: 09 ago. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, 1ª edição em 1992. Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro).

MOTA, Arivaldo Leandro da Silva. **O retrato e a moldura: memória e oralidade em cada homem é uma raça**. 2012. 174f. (Dissertação – Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do ocidente** / Edward W. Said; tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

SARTRE, J-P. **O que é literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

SILVA, José Aldo Riberio da. As negociações o Deus múltiplo e os múltiplos deuses na obra de Mia Couto. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e os rastros do Sagrado**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 221 - 240.

VERGER, Pierre Fatumbi. O Deus supremo Iorubá: uma revisão das fontes. Publicado em **Odu, University of life, Journal of African Studies**, vol. 2, nº 3, 1966. Disponível em: <https://portal-seer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20832/13433>. Acesso em: 09 ago. 2020.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **O livro na rua**. Coleção Países, Brasília: Thesaurus. 2011. Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca/download/794-Livro-na-Rua-Nigeria.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.